

Juliano Desiderato Antonio
jdantonio@uem.br

Expressão da relação retórica de propósito em elocuções formais e entrevistas orais¹

Expression of purpose rhetorical relation in formal speeches and oral interviews

RESUMO - Além do conteúdo explícito veiculado pelas orações de um texto, há proposições implícitas, as chamadas proposições relacionais (também rotuladas como relações retóricas), que surgem das relações que se estabelecem entre partes do texto. De acordo com a Teoria da Estrutura Retórica (*Rhetorical Structure Theory* – RST), as relações retóricas surgem no texto independentemente de sinais específicos de sua existência, ou seja, não há necessidade de inclusão, no texto, de elementos linguísticos que tenham por função indicar as relações estabelecidas. O objetivo deste trabalho é investigar como a relação retórica de propósito é expressa por meio de orações adverbiais finais em um *corpus* formado por elocuções formais e entrevistas orais. A pesquisa se baseia na RST, teoria que assume que proposições implícitas surgem das relações que se estabelecem entre partes dos textos. Utilizam-se parâmetros da Gramática Discursivo-Funcional (GDF) para a caracterização das construções investigadas. Os parâmetros são a camada em que se estabelece a relação, tipo de conectivo, correlação modo-temporal e posição da oração adverbial em relação à oração nuclear.

Palavras-chave: estrutura retórica, orações de propósito, Gramática Discursivo-Funcional.

ABSTRACT - Besides the explicit content conveyed by the clauses of a text, there are implicit propositions called relational propositions (also labeled as rhetorical relations), which arise from the combination of parts of the text. According to Rhetorical Structure Theory (RST), rhetorical relations appear in the text regardless of specific signs of their existence, i.e., there is no need to include in the text linguistic elements which have the function of indicating the relations being held. The aim of this paper is to investigate the expression of purpose rhetorical relation by means of Purpose Adverbial Clauses in formal speeches and oral interviews. The research study is based on RST, which assumes that implicit propositions arise from the relations that are held between parts of texts. Parameters from Functional Discourse Grammar (FDG) are used in order to characterize the investigated constructions. These parameters are the layer in which the relationship is established, type of connective, verb tense and position of the adverbial clause towards nuclear clause.

Key words: rhetorical structure, purpose clauses, Functional Discourse Grammar.

Introdução

Além do conteúdo explícito veiculado pelas orações de um texto, há proposições implícitas, as chamadas *proposições relacionais*, que surgem das relações que se estabelecem entre partes do texto. Para Mann e Thompson (1983), o fenômeno das proposições relacionais é *combinacional*, definido no âmbito textual, ou seja, as proposições relacionais são resultantes da combinação de partes do texto, sejam orações ou porções maiores de texto. As proposições relacionais recebem outros rótulos como “relações discursivas”, “relações de coerência” ou “relações retóricas” (Taboada, 2009, p. 127).

Um tratamento adequado a essa questão das proposições relacionais é oferecido pela RST (*Rhetorical*

Structure Theory – Teoria da Estrutura Retórica), uma teoria descritiva que tem por objeto o estudo da organização dos textos, caracterizando as relações que se estabelecem entre as partes do texto (Mann e Thompson, 1988; Matthiessen e Thompson, 1988; Mann *et al.*, 1992).

Ao tratar das relações retóricas tanto no nível discursivo quanto no nível gramatical (combinação entre orações), a RST demonstra sua filiação à Linguística Funcional, um grupo de teorias que consideram essencial para o estudo da língua a função dos elementos linguísticos na comunicação (Butler, 2003; Neves, 1997; Nichols, 1984). Mais especificamente, a RST foi desenvolvida no âmbito de outras duas teorias funcionalistas: a Gramática Sistêmico-Funcional de Halliday e o Funcionalismo da Costa-Oeste dos Estados Unidos (Antonio, 2009).

¹ Os resultados apresentados neste artigo são parte do projeto de pós-doutorado intitulado “Uma investigação funcionalista da hipotaxe adverbial e das relações retóricas que organizam o texto”, com apoio financeiro da Fundação Araucária (Convênio 093/2010 – UEM – Fundação Araucária), desenvolvido na Unesp/ São José do Rio Preto, sob supervisão da Profa. Dra. Erolilde Goreti Pezatti.

Na visão funcionalista, a comunicação não se dá por meio de frases, mas sim por meio do “discurso multiproposicional, organizado em estruturas que reconhecemos como caracterizando conversações, palestras, encontros de comitês, cartas formais e informais dentre outras” (Butler, 2003, p. 28, tradução nossa). Além disso, os chamados componentes ‘gramaticais’ da língua (regras fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas) são considerados instrumentais em relação às regras de uso das expressões linguísticas (Dik, 1989), uma vez que o correlato psicológico de uma teoria funcionalista é a *competência comunicativa do falante* (Dik, 1989), termo utilizado por Hymes (1987) para se referir à capacidade que o falante tem não apenas de produzir enunciados gramaticalmente corretos, mas também adequados à situação comunicativa.

Neste artigo, pretende-se investigar como a relação retórica de propósito é expressa por meio de orações hipotáticas adverbiais finais em um *corpus* constituído por elocuições formais (aulas) e entrevistas. Espera-se, dessa forma, contribuir para que os resultados obtidos com a RST possam ter aplicabilidade prática, como, por exemplo, a criação de programas de computador para análise automática de textos e até mesmo a formulação de modelos de ensino de escrita.

Embora possa parecer óbvia uma biunivocidade entre relação de propósito e orações adverbiais finais, é preciso observar que, na visão da RST, as proposições relacionais surgem no texto independentemente de sinais específicos de sua existência: não há necessidade de inclusão, no texto, de elementos linguísticos que tenham por função indicar as relações estabelecidas (Mann e Thompson, 1983). Pesquisas têm sido realizadas no sentido de identificar os meios linguísticos utilizados pelos falantes para marcar as relações retóricas. Alguns meios já descritos são marcadores discursivos, tempo e aspecto verbais, combinação entre orações (paratáticas/hipotáticas). Outras pesquisas têm demonstrado também que as proposições relacionais podem ser reconhecidas pelo destinatário do texto sem ser necessariamente expressas por alguma marca formal (Taboada, 2006). Assim, como afirma Taboada (2009), provavelmente não há um mapeamento biunívoco entre uma relação e algum tipo de marcação.

A identificação das relações retóricas pelo analista se baseia em julgamentos funcionais e semânticos, que

buscam identificar a função de cada porção de texto, e verificar como o texto produz o efeito desejado em seu possível receptor. Esses julgamentos são de plausibilidade, pois o analista tem acesso ao texto, tem conhecimento do contexto em que o texto foi produzido e das convenções culturais do produtor do texto e de seus possíveis receptores, mas não tem acesso direto ao produtor do texto ou aos seus possíveis receptores, de forma que não pode afirmar com certeza que esta ou aquela análise é a correta, mas pode sugerir uma análise plausível (Mann e Thompson, 1988).

Serão utilizados parâmetros da Gramática Discursivo-Funcional (de agora em diante, GDF) para a caracterização das construções hipotáticas adverbiais finais utilizadas pelos falantes para expressar a relação retórica de propósito. Pretende-se, dessa forma, fornecer pistas que auxiliem na identificação dessa relação.

Fundamentação teórica

RST e GDF

Na visão da RST, as proposições que surgem das relações entre partes do texto permeiam todo o texto, desde as porções maiores até as relações estabelecidas entre duas orações (Matthiessen e Thompson, 1988). De acordo com a teoria, são essas relações que dão coerência ao texto, conferindo unidade e permitindo que o produtor atinja seus propósitos com o texto que produziu.

No que diz respeito à organização, as relações podem ser de dois tipos (Mann e Thompson, 1988):

- (a) núcleo-satélite (hipotáticas), nas quais uma porção do texto (satélite – S) é ancilar da outra (núcleo – N), como na Figura 1, em que um arco vai da porção que serve de subsídio para a porção que funciona como núcleo.
- (b) multinucleares (paratáticas), nas quais uma porção do texto não é ancilar da outra, sendo cada porção um núcleo distinto, como na Figura 2.

Uma lista de aproximadamente vinte e cinco relações foi estabelecida por Mann e Thompson (1988) após a análise de centenas de textos, por meio da RST. Essa lista não representa um rol fechado, mas um grupo de relações suficiente para descrever a maioria dos textos².



Figura 1. Esquema de relação núcleo-satélite.
Figure 1. Nucleus-satellite relation schema.

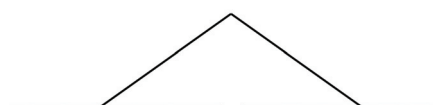


Figura 2. Esquema de relação multinuclear.
Figure 2. Multinuclear schema relation.

² Uma lista com as relações e suas definições pode ser encontrada no site <http://www.sfu.ca/rst/07portuguese/definitions.html>.

As relações retóricas são definidas pela RST com base em quatro características: (a) restrições sobre o núcleo; (b) restrições sobre o satélite; (c) restrições sobre a combinação entre o núcleo e o satélite; (d) efeito. De acordo com Gómez-González e Taboada (2005), a RST tem um viés em relação ao criador do texto, de forma que a característica mais importante na definição das relações é o efeito que o produtor do texto deseja atingir em seu destinatário, ou seja, sua intenção. Apresenta-se, no Quadro 1, a definição da relação de propósito, objeto de investigação deste trabalho.

No que diz respeito às funções globais, as relações da RST podem ser divididas em dois grupos (Matthiessen e Thompson, 1988):

- (a) relações que dizem respeito ao assunto (*subject matter*), que têm como efeito levar o enunciatário a reconhecer a relação em questão: elaboração, circunstância, solução, causa, resultado, propósito, condição, interpretação, meio, avaliação, reafirmação, resumo, sequência, contraste;
- (b) relações que dizem respeito à apresentação da relação (*presentational*), que têm como efeito aumentar a inclinação do enunciatário a agir de acordo com o conteúdo do núcleo, concordar com o conteúdo do núcleo, acreditar no conteúdo do núcleo ou aceitar o conteúdo do núcleo: motivação, antítese, fundo, competência, evidência, justificativa, concessão, preparação.

AGDF, por sua vez, é um modelo de estrutura da linguagem tipologicamente baseado, e seus autores propõem que seja um componente gramatical de uma teoria mais ampla da interação verbal (Hengeveld e Mackenzie, 2008).

O componente gramatical do modelo apresenta conexões com outros módulos não-gramaticais: componente conceitual, componente contextual e componente de saída. Uma das principais características da GDF e uma das principais diferenças em relação ao modelo do qual se originou (*Functional Grammar*, FG, Dik, 1989) é ter uma organização *top-down*. Isso quer dizer que a GDF parte das intenções do falante e vai até a articulação das expressões linguísticas. Embora essa organização reflita a organização do processamento da linguagem, Hengeveld e Mackenzie (2008) afirmam que a GDF não se propõe a ser um modelo do falante, mas um modelo de gramática que tem evidência psicolinguística.

Outra característica do modelo salientada pelos autores é o fato de tomar o Ato Discursivo como unidade

básica de análise, e não mais a oração, como fazia a FG. Um Ato Discursivo pode ser composto por uma interjeição, por uma oração, por fragmentos de orações, por locuções ou por palavras. Quando combinados, os Atos Discursivos formam um Movimento (*Move*, em inglês), definido por Kroon (1997, p. 20) como “a mínima unidade livre do discurso capaz de participar de uma estrutura de interação”. Os Atos Discursivos e os Movimentos fazem parte de um dos quatro níveis do componente gramatical da GDF, o nível Interpessoal.

No componente gramatical, os níveis Interpessoal e Representacional são responsáveis pela formulação, entendida pelos autores como “as regras que determinam o que constitui representações pragmáticas e semânticas subjacentes válidas em uma língua” (Hengeveld e Mackenzie, 2008, p. 2), ao passo que os níveis Morfossintático e Fonológico são responsáveis pela codificação, entendida pelos autores como “as regras que convertem essas representações pragmáticas e semânticas em regras morfossintáticas e fonológicas” (Hengeveld e Mackenzie, 2008, p. 2).

Embora sejam teorias funcionalistas de vertentes distintas, é possível observar tanto na RST quanto na GDF um paralelo com as metafunções de Halliday (1970, 1973). Na proposta da RST, as relações que dizem respeito ao assunto, que têm como objetivo levar o destinatário a reconhecer a existência da relação, podem ser associadas à metafunção ideacional, responsável pela construção das experiências do usuário de uma língua natural. Caso o destinatário não reconheça as relações que se estabelecem entre as orações ou entre as partes do texto, não conseguirá calcular sua coerência. Por outro lado, as relações que dizem respeito à apresentação da relação, utilizadas pelo falante com o objetivo de agir sobre o destinatário do texto, levando-o a concordar, acreditar ou agir de acordo com o conteúdo da porção de texto que constitui o núcleo, podem ser associadas à função interpessoal, responsável pelos recursos gramaticais utilizados pelo falante para interagir com seu interlocutor. Caso o destinatário não reconheça a relação, os objetivos do produtor do texto não serão alcançados, uma vez que seu interlocutor não realizará as ações pretendidas pelo falante. Na proposta da GDF, observa-se que os níveis de formulação também são influenciados pela proposta de Halliday. De acordo com

Quadro 1. Definição da relação de propósito.

Chart 1. Definition of purpose relation.

Nome da relação	Restrições sobre N ou sobre S individualmente	Restrições sobre N + S	Intenção do falante/escritor
Propósito	Sobre N: N é uma atividade; Sobre S: S é uma situação que não é realizada.	S é para ser realizada por meio da atividade em N.	O ouvinte/leitor reconhece que a atividade em N é iniciada para realizar S.

Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 128, tradução nossa), “o nível representacional lida com os aspectos semânticos de uma unidade linguística”, e “o termo ‘semântica’ está limitado às maneiras pelas quais a língua se relaciona com o mundo extralinguístico que ela descreve”. O nível interpessoal apresenta as mesmas características do nível interpessoal de Halliday: “esse é o nível que lida com todos os aspectos formais de uma unidade linguística que reflete seu papel na interação entre o falante e o destinatário” (Hengeveld e Mackenzie, 2008, p. 46, tradução nossa).

Procurando estabelecer um diálogo entre a RST e a GDF, Gómez-González e Taboada (2005) apresentam a possibilidade de acomodar relações de coerência da RST na GDF, classificando as relações em níveis. De acordo com as autoras, o próprio Dik (1997) já havia sugerido essa possibilidade, atribuindo relações discursivo-funcionais ao nível do ato retórico (interpessoal) ou ao nível do assunto (representacional). Assim, relações da RST como motivação, fundo, antítese, concessão e solução ficariam alocadas no nível interpessoal, e relações como elaboração, condição, propósito e circunstância seriam do nível do assunto.

Ainda segundo Gómez-González e Taboada (2005), Kroon (1997) também argumenta a favor de uma classificação bipartida das relações de coerência. A autora defende a existência de relações de interação e de relações retóricas. As do primeiro tipo integrariam o nível interacional do discurso, ao passo que as do segundo tipo fariam parte do nível retórico ou representacional.

Para Gómez-González e Taboada (2005), essa distinção entre função semântica/ função pragmática das relações tem base na proposta de van Dijk (1979) para distinguir os conectivos de acordo com o tipo de relação estabelecida: “os conectivos pragmáticos expressam relações entre atos de fala, ao passo que os conectivos semânticos expressam relações entre fatos denotados” (p. 449).

Dessa forma, de acordo com a proposta de Gómez-González e Taboada (2005), as relações da RST que dizem respeito ao assunto podem ser acomodadas na GDF no nível representacional, e as relações que dizem respeito à apresentação da relação podem ser acomodadas no nível interpessoal.

Outra questão a ser considerada no possível estabelecimento de um diálogo RST-GDF é o fato de a GDF restringir as relações de coerência apenas aos casos em que há uma marca linguística de que há uma relação. Nesse caso, a proposta de Gómez-González e Taboada (2005) é que se investigue além dos conectivos ou marcadores discursivos procurando por essas marcas. As autoras sugerem outras formas de marcação, como tempo, modo, forma finita do verbo, encaixamento sintático etc.

Orações de propósito (ou finais)

De acordo com Neves (2000, p. 888), “as orações finais se caracterizam semanticamente como expressão da

finalidade, ou do propósito que motiva o evento expresso na oração principal”. Ainda segundo a autora, a oração principal da construção deve ter sujeito que possa controlar o evento expresso na oração final.

No que diz respeito à modalidade, Neves (2000) afirma que as construções finais podem ser factuais (exemplo 1, p. 889), hipotéticas (exemplo 2, p. 889) ou contrafactuais (exemplo 3, p. 889).

- (1) Dona Leonor fez sinal para que me aproximasse.
- (2) Ele será muito frágil para que alguém o possa matar.
- (3) Eu não sabia, que diacho, do que é que me acusavam nem o que teria feito para ser tratado assim.

Neves apresenta ainda outros dois subtipos das construções finais em relação ao nível em que as orações são construídas: as circunstanciais e as de enunciação.

As do primeiro tipo dizem respeito ao conteúdo proposicional da oração principal, como no exemplo (4), apresentado pela autora (Neves, 2000, p. 890):

- (4) Esboçou um movimento para que seguissemos em frente.

As do segundo tipo modificam o próprio ato linguístico, como no exemplo (5), apresentado pela autora (Neves, 2000, p. 890):

- (5) Para dizer a verdade, não sei o que se passa na cabeça do Rei.

Hengeveld (1998), em seu estudo sobre as orações adverbiais nas línguas da Europa, classifica a relação de propósito como de segunda ordem, ou seja, que se estabelece entre estados-de-coisas, e não-factual, isto é, “um evento que é considerado irreal da perspectiva do ponto de referência temporal da oração principal” (p. 350). O exemplo (6) é apresentado pelo autor (p. 357):

- (6) I left early to catch the train.
Saí cedo para pegar o trem.

Pérez Quintero (2002), por sua vez, defende a existência de duas subclasses de construções de propósito dependendo do tipo de entidade designada pela oração final, as eventivas e as epistêmicas.

As do primeiro tipo “descrevem estados-de-coisas que constituem um alvo a ser atingido com respeito à oração principal” (Pérez Quintero, 2002, p. 63, tradução nossa), como no exemplo (7), apresentado pela autora:

- (7) I added lemon juice to increase the vitamin content.
Acrescentei suco de limão para aumentar o conteúdo de vitamina.

As do segundo tipo também designam um alvo a ser atingido com respeito à oração principal, mas a entidade designada pela oração subordinada é de terceira ordem, ou seja, um conteúdo proposicional que expressa a opinião do falante, como no exemplo (8), apresentado pela autora (Pérez Quintero, 2002, p. 64, tradução nossa):

(8) All she wanted was a companion so that she could move freely in the evenings.

Tudo que ela queria era uma companhia para que pudesse se movimentar livremente à noite.

Em pesquisa realizada na modalidade escrita do inglês, Thompson (1985) considera que o fato de as orações de propósito poderem ocorrer tanto em posição inicial na frase quanto em posição final não indica simplesmente a possibilidade de variação na ordem. Para a autora, trata-se de dois tipos distintos de construções servindo a funções discursivas diferentes.

As orações de propósito em posição inicial, segundo Thompson (1985), fornecem uma moldura para a interpretação da porção discursiva subsequente. Essas orações apresentam um problema e criam a expectativa de que a solução para esse problema seja apresentada na porção discursiva subsequente. O exemplo (9) é apresentado pela autora (Thompson, 1985, p. 62):

(9) Brendan was rushing madly farther and farther out to sea. *To slow her down* we streamed a heavy rope in a loop from the stern and let it trail in the water behind us as to act as a brake, and, hopefully, to smooth the worst of the wave crests.

Brendan estava correndo loucamente cada vez mais longe para o mar. *Para diminuir sua velocidade*, passamos uma corda pesada em um *loop* da popa e deixamos arrastar na água atrás de nós para agir como um freio e, esperançosamente, suavizar o pior da crista das ondas.

É importante observar que essa oração de propósito em posição inicial toma como escopo não apenas a oração principal, mas toda a porção de texto subsequente, na qual se apresenta a solução para o problema introduzido pela oração de propósito.

As orações de propósito em posição final, por outro lado, não exercem a mesma função discursiva das que ocupam posição inicial. De acordo com Thompson (1985), as orações de propósito em posição final têm função local de expor o propósito da ação expressa na oração principal. O escopo de uma oração de propósito em posição final é apenas a oração principal, que deve trazer uma ação e um agente capaz de realizá-la. O exemplo (10) é apresentado pela autora (Thompson, 1985, p. 68):

(10) He had served in the army and later gone to the Middle East *to train soldiers for an oil-rich sheik*.

Ele serviu no exército e depois foi para o Oriente Médio *para treinar os soldados de um sheik rico do petróleo*.

Embora a pesquisa de Thompson (1985) tenha sido realizada na modalidade escrita, a autora acredita que essa distinção entre orações de propósito em posição inicial e em posição final também possa ser encontrada na língua falada. No entanto, as orações de propósito em posição inicial ocorrem em menor número na fala, uma vez que, segundo a autora, na tradição escrita, recursos gramaticais e recursos semânticos são empregados para realizar funções de organização discursiva, geralmente realizadas na fala por gestos, entonação, movimento dos olhos etc. Dessa forma, a posição da oração de propósito também será investigada neste trabalho, embora o *corpus* seja de língua falada.

Thompson ainda menciona o caso das orações de propósito de atos de fala. Segundo a autora, uma oração desse tipo ocorre em posição inicial e tem força ilocucionária que modifica não o conteúdo da porção discursiva subsequente, mas as asserções feitas, como no exemplo (11) apresentado pela autora (Thompson, 1985, p. 74):

(11) *To sum up*, then, English has a very definite and complex grammar with some variation...

Para resumir, então, o inglês tem uma gramática muito definida e complexa com alguma variação...

Considerações metodológicas

O *corpus* da pesquisa

O *corpus* da pesquisa é composto por 10 entrevistas e por 5 elocuições formais (aulas) do banco de dados do Grupo de Pesquisas Funcionalistas do Norte/ Noroeste do Paraná (Funcpar). Os textos do *corpus* foram transcritos alfabeticamente seguindo-se um padrão baseado nas normas do projeto NURC (Preti, 1993) e segmentados em unidades de entonação. Segundo Chafe (1985), a fala espontânea não é produzida em um fluxo contínuo, mas em uma série de breves jorros que expressam a informação que está sendo focalizada pela consciência no momento da enunciação. Esses jorros são chamados por Chafe de unidades de entonação. Para a identificação dessas unidades, Chafe propõe três critérios:

- entonação: a maior parte das unidades termina com um contorno típico de final de oração;
- pausa: a separação entre as unidades é feita por uma breve pausa;
- sintaxe: há uma tendência para as unidades corresponderem a orações simples.

Os informantes das entrevistas são professores universitários de Maringá (PR) que nasceram na cidade

ou residem nela há mais de 10 anos. Para que esses informantes apresentassem um comportamento linguístico mais espontâneo durante a entrevista, solicitou-se previamente a cada um deles um artigo científico de sua autoria. Após a leitura do texto, o pesquisador elaborou perguntas sobre o processo de produção do texto em si e sobre os temas tratados no artigo. Observou-se que esse procedimento possibilitou um maior envolvimento dos informantes com o conteúdo do que estavam falando, diminuindo-se o efeito “intimidatório” que o gravador geralmente causa aos entrevistados.

Os informantes das elocuições formais também são professores (de ensino superior ou de ensino médio). Assim como nas entrevistas, os informantes também nasceram em Maringá ou residem nessa cidade há mais de 10 anos. As gravações foram feitas durante aulas e durante apresentações de trabalho, motivo pelo qual se espera um certo grau de formalidade nos textos no que diz respeito ao uso do português considerado “culto”. Outras características que devem ser destacadas nesses textos são os papéis e a posse do turno fixados previamente (Koch e Souza e Silva, 1996). Por isso, há poucas marcas de interação, o professor ou apresentador de trabalho em geral responde a perguntas feitas pelos alunos ou pela audiência. Esses textos também têm um início bem marcado com a apresentação dos objetivos da aula ou do trabalho, bem como um encerramento no qual os objetivos da aula seguinte são antecipados.

Parâmetros de análise

Como se afirmou anteriormente neste trabalho, é necessário que outras marcas formais além do conectivo ou marcador discursivo sejam levadas em conta quando se analisa como são estabelecidas as relações retóricas. Dessa forma, os parâmetros investigados neste trabalho são apresentados a seguir.

Conectivo

Pretende-se verificar quais conectivos ou marcadores discursivos são utilizados pelos falantes nas construções de propósito.

Camada

Serão utilizadas a camada ato discursivo, pertencente ao nível interpessoal da GDF, e a camada e estados-de-coisas do nível representacional da GDF.

Correlação modo-temporal

Como sugerem Gómez-González e Taboada (2005), o tempo e o modo do verbo foram analisados como forma de caracterizar a expressão das relações de concessão e de propósito.

Posição

Verificou-se também se o fato de a oração adverbial estar anteposta ou posposta à oração principal influencia o tipo de relação estabelecida.

Análise dos dados

Relação de propósito

No *corpus* da pesquisa, foram encontradas 95 ocorrências da relação de propósito, como pode ser observado no Quadro 2.

Quadro 2. Camada.

Chart 2. Layer.

	N	%
Estado-de-coisas	94	99
Ato discursivo	1	1
Total	95	100

Assim como na pesquisa de Hengeveld (1998) a respeito das línguas europeias, este trabalho, todas as ocorrências estão no nível dos estados-de-coisas, com exceção de uma ocorrência de ato discursivo, apresentada no exemplo (12):

(12)... **pra ser sincera** acho que eu nunca pensei sobre isso.

Trata-se de um caso de construção final de enunciação, utilizando-se a terminologia de Neves (2000) ou de uma oração de propósito de ato de fala, na terminologia de Thompson (1985). Pode-se observar que a oração de propósito tem força ilocucionária e modifica a asserção seguinte.

No que diz respeito à ordem, como pode ser observado no Quadro 3, há poucas ocorrências de orações de propósito em posição inicial, confirmando a hipótese de Thompson (1985) de que esse tipo de construção não é muito frequente na língua falada.

Quadro 3. Ordem.

Chart 3. Order.

	N	%
Anteposta	8	8,5
Posposta	87	91,5
Total	95	100

Apresenta-se, na Figura 3, uma ocorrência de oração de propósito anteposta.

Nessa ocorrência, podem ser observados os traços que, segundo Thompson (1985), caracterizam a função discursiva de criar expectativa das orações de propósito em posição inicial. Observa-se que, nas unidades de 1 a 3, apresenta-se um problema (comprovação de um experimento), criando-se a expectativa de como esse problema será solucionado. O escopo da oração de propósito recai sobre as unidades de 4 a 6, nas quais a solução para o problema é apresentada, ou seja, a oração de propósito em posição inicial toma como escopo não apenas a oração principal, mas toda a porção de texto subsequente.

A frequência de ocorrência dos conectivos utilizados pelos informantes é apresentada no Quadro 4.

Quadro 4. Conectivos.

Chart 4. Connectives.

Conectivo	N	%
Pra/ Para	85	89,5
Pra que/ Para que	8	8,5
Sem conectivo	1	1
E	1	1
TOTAL	95	100

A preferência dos informantes é pelo conectivo *para* e sua variante mais informal *pra*. A locução conjuntiva *para que* e sua variante mais informal *pra que* apresentam frequência de ocorrência baixa. Observa-se, portanto, que, no caso da relação de propósito, a marcação formal por meio de conectivo é feita pelos informantes na maior parte das ocorrências. A utilização dos parâmetros propostos neste trabalho foi essencial no caso da ocorrência sem conectivo

encontrada no *corpus*. Nessa ocorrência, expressa pela oração gerundial apresentada na Figura 4, também seria plausível a relação de resultado. No entanto, a partir dos parâmetros tipo de entidade (estados-de-coisas, no caso dessa ocorrência) e agentividade (nessa ocorrência, oração principal tem um agente capaz de realizar a ação da oração adverbial), identificou-se a relação como de propósito.

A análise do cotexto em que ocorre o exemplo da Figura 4 pode confirmar a plausibilidade dessa análise. Observa-se em (13) que Luis Pasteur precisava de um instrumento laboratorial para realizar a experiência, de forma que agiu intencionalmente esquentando e torcendo a boca de um balão de laboratório para obter o instrumento de que precisava. Pode-se, inclusive, parafrasear o trecho analisado na Figura 4: “Ele esquentou a boca desse balão e torceu ele para formar o pescoço do cisne”.

(13) .. e aí .. o senhor Louis Pasteur disse assim,
 .. não .. isso tá errado .. não é?
 .. aí ele fez o famo::so experimento do pescoço de cisne.
 .. já ouviram falar desse experimento .. de Louis Pasteur?
 ... Louis Pasteur é um gra::nde laboratorista eu digo,
 .. tem um monte de/de instrumentos de/de laboratório
 que tem o nome dele,
 .. pipeta de Pasteur,
 .. não sei o quê,
 .. são várias coisas.
 .. então ele sabia domina::r essa técnica de vidrari::a,
 .. que que ele fez?
 ... ele pegou um balão,
 colocou um caldo nutritivo ali,
 .. um meio de cultura,
 .. já viram quando vai fazer o senhor bactéria?
 .. não pega lá o cotonete?
 .. passa no negócio,
 .. e passa nu::ma gelatininha assim?

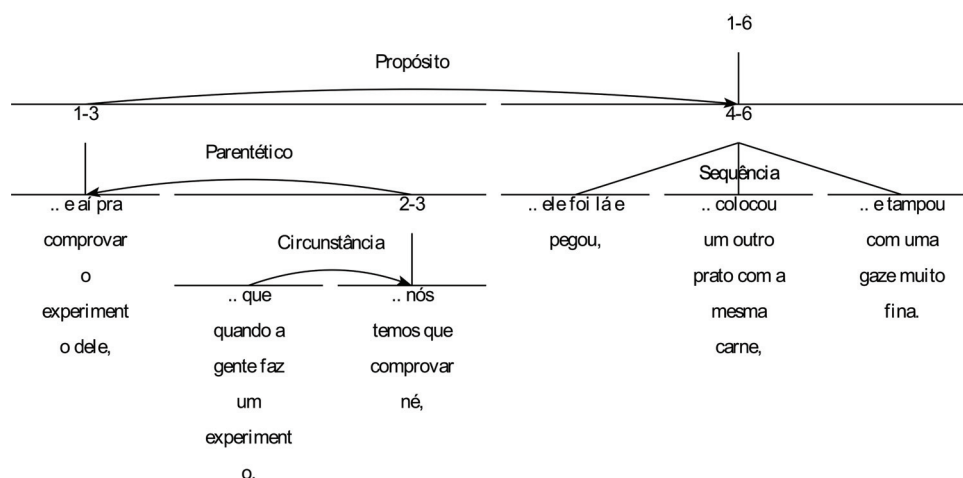


Figura 3. Relação de propósito (anteposta).

Figura 3. Purpose relation (before nuclear clause)

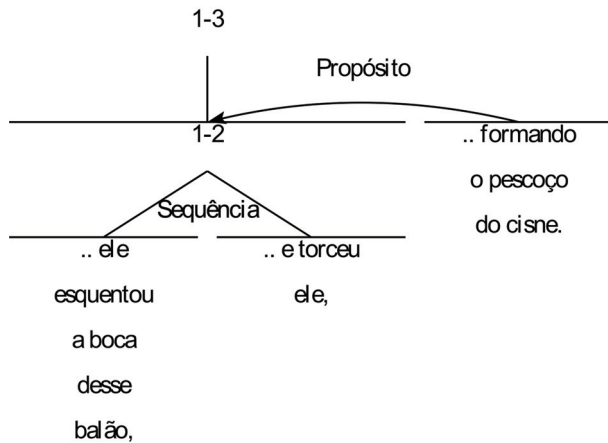


Figura 4. Relação de propósito (gerúndio).
Figure 4. Purpose relation (gerund).

... um meio de cultura,
 .. só que no caso ali era líquido.
 .. pegou esse meio de cultura,
 ... colocou no balão,
 .. ele esquentou a boca desse balão,
 .. e torceu ele,
 .. formando o pescoço do cisne.
 .. torceu ele ó,
 .. fez um curva aqui.
 ... aí ele pegou,
 .. depois que ele fez isso,
 .. fe::rveu esse ca::lido,
 .. por que que ele ferveu esse caldo?
 ele tava precisando de experimento,
 .. ele ferveu .. pra .. matar .. todo e qualquer micro-
 organismo que ali tivesse,
 .. porque é:: a partir dali que seria o experimento dele.

No Quadro 4, observa-se que há também uma ocorrência da relação de propósito marcada pelo conectivo *e*. Trata-se do exemplo da Figura 5, encontrado em uma aula de psicologia na qual o objetivo é ensinar o sujeito (um rato de laboratório) a emitir uma resposta de pressão à barra com o objetivo de receber uma gota d'água.

Deve-se observar que, no contexto em que esse enunciado foi produzido (14), o próprio informante, na sequência de sua fala, repete esse conteúdo e, após um truncamento (“e receber uma gota/”), utiliza o *para* no intuito de marcar a relação de propósito.

(14).. nós vamos .. ensinar .. o nosso sujeito,
 .. a emitir a resposta de pressão à barra,
 .. e .. receber uma gota de água,
 .. ou seja .. a resposta de pressão à barra .. será se-
 guida da liberação da gota de água.

.. nós vamos ensinar o sujeito .. a pressionar a barra,
 .. e receber uma gota/ para receber uma gota de água.
 .. certo?

Essas ocorrências sem conectivo ou com um conectivo não comumente utilizado para marcar a relação de propósito vão de encontro à proposta de afirmam Mann e Thompson (1988), segundo a qual a identificação das relações retóricas não pode se basear em marcas formais, uma vez que essas relações são de sentido, e não de forma.

No que diz respeito às formas verbais utilizadas, pode-se observar, no Quadro 5, que o conectivo *para* e sua variante mais informal *pra* selecionam formas verbais não-finitas (infinitivo). As ocorrências sem conectivo também selecionam formas verbais não-finitas (gerúndio). As construções com *para que* e sua variante mais informal *pra que* selecionam, por sua vez, formas verbais finitas.

Quadro 5. Formas verbais.

Chart 5. Verb forms.

	Finito		Não-finito	
	N	%	N	%
Pra/ Para	-	-	85	97,8
Pra que/ Para que	8	100	-	
Sem conectivo			1	1,1
E			1	1,1
Total	8	100	87	100

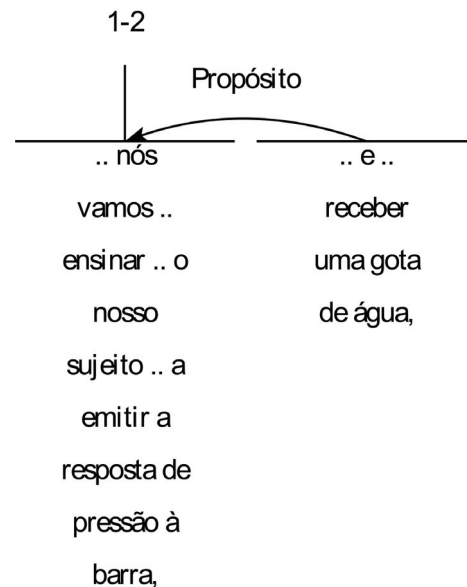


Figura 5. Relação de propósito marcada por *E*.
Figure 5. Purpose relation marked by *E*.

Considerações finais

Neste trabalho, procurou-se investigar como a relação retórica de propósito é expressa por meio de orações hipotáticas adverbiais finais em um *corpus* constituído por elocuções formais (aulas) e entrevistas.

A perspectiva teórica adotada foi da RST (*Rhetorical Structure Theory* – Teoria da Estrutura Retórica), uma teoria descritiva que tem por objeto o estudo da organização dos textos, caracterizando as relações que se estabelecem entre as partes do texto. Utilizaram-se parâmetros da Gramática Discursivo-Funcional (GDF) para a caracterização das construções hipotáticas adverbiais finais utilizadas pelos falantes para expressar a relação retórica de propósito. Pretendeu-se, com isso, fornecer pistas para auxiliar na identificação dessa relação.

No *corpus* deste trabalho, todas as ocorrências da relação de propósito estão na camada dos estados-de-coisas, com exceção de uma ocorrência de ato discursivo, chamada ‘construção final de enunciação’ por Neves (2000) ou ‘oração de propósito de ato de fala’ por Thompson (1985). Esse tipo de oração de propósito tem força ilocucionária e modifica a asserção seguinte. No que diz respeito à ordem, há poucas ocorrências de orações de propósito em posição inicial, confirmando a hipótese de Thompson (1985) de que esse tipo de construção não é muito frequente na língua falada. Essa é uma observação importante, uma vez que, segundo Thompson (1985), orações de propósito em posição inicial e orações de propósito em posição final são dois tipos distintos de construções servindo a funções discursivas diferentes. As do primeiro tipo fornecem uma moldura para a interpretação da porção discursiva subsequente, apresentando um problema e criando a expectativa de que a solução para esse problema seja apresentada na porção discursiva subsequente. Essas orações tomam como escopo não apenas a oração principal, mas toda a porção de texto subsequente, na qual se apresenta a solução para o problema introduzido pela oração de propósito. Por outro lado, as do segundo tipo, por sua vez, têm função local de expor o propósito da ação expressa na oração principal e tomam como escopo apenas a oração principal.

Ao marcarem a relação de propósito, a preferência dos informantes é pelo conectivo *para* e sua variante mais informal *pra*. A locução conjuntiva *para que* e sua variante mais informal *pra que* apresentam frequência de ocorrência baixa. Também há uma ocorrência da relação de propósito sem conectivo e uma ocorrência marcada pelo conectivo *e*.

No que diz respeito às formas verbais utilizadas, o conectivo *para* e sua variante mais informal *pra* selecionam formas verbais não-finitas (infinitivo). As ocorrências sem conectivo também selecionam formas verbais não-finitas (gerúndio). As construções com *para que* e sua variante mais informal *pra que* selecionam, por sua vez, formas verbais finitas.

Referências

- ANTONIO, J.D. 2009. O texto como objeto de estudo na Linguística Funcional. In: J.D. ANTONIO; P. NAVARRO, *O texto como objeto de ensino, de descrição lingüística e de análise textual e discursiva*. Maringá, Eduem, p. 61-80.
- BUTLER, C.S. 2003. *Structure and function: a guide to three major structural-functional theories. Part 1: approaches to the simple clause*. Amsterdam/Philadelphia, J. Benjamins, 570 p.
- CHAFE, W. 1985. Linguistic differences produced by differences between speaking and writing. In: D.R. OLSON (ed), *Literacy, Language and Learning: the nature and consequences of reading and writing*. Cambridge, Cambridge University Press, p. 105-123.
- DIK, C.S. 1989. *The Theory of Functional Grammar*. Dordrecht, Foris, 433 p.
- DIK, C.S. 1997. *The theory of Functional Grammar. Part II: Complex and derived constructions*. Berlin/New York, Mouton de Gruyter, 475 p.
- GÓMEZ-GONZÁLEZ, M.A.; TABOADA, M. 2005. Coherence Relations in Functional Discourse Grammar. In: J.L. MACKENZIE; M.A. GÓMEZ-GONZÁLEZ (eds.), *Studies in Functional Discourse Grammar*. Berne, Peter Lang, p. 227-259.
- HALLIDAY, M.A.K. 1970. Language Structure and Language Function. In: J. LYONS (ed.), *New Horizons in Linguistics*. Harmondsworth, Penguin, p. 140-165.
- HALLIDAY, M.A.K. 1973. *Explorations in the functions of language*. Londres, Edward Arnold, 143 p.
- HENGVELD, K. 1998. Adverbial clauses in the languages of Europe. In: J. van der AUWERA (ed.), *Adverbial constructions in the languages of Europe*. Berlin, Mouton de Gruyter, p. 335-419. <http://dx.doi.org/10.1515/9783110802610.335>
- HENGVELD, K.; MACKENZIE, J.L. 2008. *Functional Discourse Grammar. A typologically-based theory of language structure*. Oxford, Oxford University Press, 503 p.
- HYMES, D. 1987. On Communicative Competence. *Sociolinguistics*, 1:219-229.
- KOCH, I.G.V.; SOUZA E SILVA, M.C.P. 1996. Atividades de composição do texto falado: a elocução formal. In: A.T. CASTILHO; M. BASÍLIO (orgs.), *Gramática do Português Falado. Vol. IV: Estudos Descritivos*. Campinas/São Paulo, Ed. da Unicamp/Fapesp, p. 379-410.
- KROON, C. 1997. Discourse Markers, Discourse Structure and Functional Grammar. In: C.S. BUTLER; J.H. CONNOLLY; R.A. GATWARD; R.M. VISMANS (eds.), *Discourse and Pragmatics in Functional Grammar*. Berlin/New York, Mouton de Gruyter, p. 17-32. <http://dx.doi.org/10.1515/9783110812237.17>
- MANN, W.C.; MATTHIESSEN, C.M.I.M.; THOMPSON, S.A. 1992. Rhetorical Structure Theory and text analysis. In: W.C. MANN; S.A. THOMPSON (eds.), *Discourse description: diverse linguistic analyses of a fund-raising text*. Amsterdam/Philadelphia, J. Benjamins, p. 39-77.
- MANN, W.C.; THOMPSON, S.A. 1983. *Relational propositions in Discourse*. ISI/RR-p. 83-115.
- MANN, W.C.; THOMPSON, S.A. 1988. Rhetorical Structure Theory: toward a functional theory of text organization. *Text*, 8(3):243-281.
- MATTHIESSEN, C.; THOMPSON, S. 1988. The structure of discourse and ‘subordination’. In: J. HAIMAN; S. THOMPSON (eds.), *Clause Combining in Grammar and Discourse*. Amsterdam/Philadelphia, J. Benjamins, p. 275-329.
- NEVES, M.H.M. 1997. *A Gramática Funcional*. São Paulo, Martins Fontes, 160 p.
- NEVES, M.H.M. 2000. *Gramática de usos do português*. São Paulo, Editora Unesp, 1037 p.
- NICHOLS, J. 1984. Functional theories of grammar. *Annual review of Anthropology* 43:97-117. <http://dx.doi.org/10.1146/annurev.an.13.100184.000525>
- PÉREZ QUINTERO, M.J. 2002. *Adverbial subordination in English: a functionalist approach*. Amsterdam, Rodopi, 216 p.
- PRETI, D. (org.). 1993. *Análise de Textos Oraís*. São Paulo, FFLCH/USP, 236 p.
- TABOADA, M. 2006. Discourse Markers as Signals (or Not) of Rhetorical Relations. *Journal of Pragmatics*, 38(4):567-592. <http://dx.doi.org/10.1016/j.pragma.2005.09.010>

- TABOADA, M. 2009. Implicit and explicit coherence relations. In: J. RENKEMA (ed.), *Discourse, of course*. Amsterdam, John Benjamins, p. 127-140.
- THOMPSON, S. 1985. Grammar and written discourse: initial vs. final purpose clause in English. *Text*, 5:55-84.
<http://dx.doi.org/10.1515/text.1.1985.5.1-2.55>
- VAN DIJK, T.A. 1979. Pragmatic Connectives. *Journal of Pragmatics*, 3:447-456. [http://dx.doi.org/10.1016/0378-2166\(79\)90019-5](http://dx.doi.org/10.1016/0378-2166(79)90019-5)

Submissão: 22/05/2011

Aceite: 19/10/2011

Juliano Desiderato Antonio
Universidade Estadual de Maringá
Departamento de Letras
Avenida Colombo, 5790, Jd. Universitário
87020-900, Maringá, PR, Brasil